

DEPOSITO LEGAL

MARIA RITA



SEMANARIO

HUMORISTICO

Directão Literária de
**ARNALDO LEITE
CARVALHO BARBOZA
JOSE DE ABRILHANS**

Director Artístico e Secretário da Redacção
OCTAVIO SÉRGIO
DE FAVIN
S.R.L., 111

No País dos bácoros...



Julgam talvez ver um lugar-tenente de El-Rei, um marechal da Monarquia, ou um generalíssimo eminente? Engano... Nada disso... E' simplesmente Secretário Geral da Academia.

OCTAVIO SÉRGIO 1933

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.ª

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819—PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artfmanha

Director artístico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas	
Ano	45\$00
Semestre	24\$00
Colónias	
Ano	50\$00
Registado	70\$00
Estrangeiro	
Ano	60\$00
Registado	100\$00
Número avulso 1 escudo	
Anúncios: Preços convencionais	

Se quereis aumentar a venda dos vossos artigos, anunciai na **MARIA RITA**

Restaurante Portuense

(ANTIGO PINTO)

DE MESSIAS DE ALMEIDA

Rua de Entreparedes, 11—PORTO

Almoços com vinho 9\$00

Jantares com vinho 10\$00

Diárias com quarto desde 18\$00

Papelaria MARIZ

53, Rua das Oliveiras, 55—PORTO

(Junto ao Teatro Carlos Alberto)

Bons papeis de carta, 50 fôlhas e envelopes, caixa a 2\$20, 2\$80, 3\$00, 3\$50, marca Tango a 4\$20, outros a 5\$00, linho finíssimo a 6\$50 e 8\$00. Papeis de fantasia, lindíssimos, desde 6\$50 a caixa.



Cadernos para estudantes da Universidade, Liceus e Institutos, em quarto, óptimo papel, de 20, 40, 80 e 100 fôlhas a \$50, 1\$00, 2\$00 e 2\$50, com lindas capas em cores.



Façam as suas compras, sem demora, que protegem os seus interesses.

NAS

Galerias Lafayette

— da RUA FORMOSA — PORTO —

todos os artigos

teem um cunho

parisiense inxcedível

AUX GALERIES LAFAYETTE

Literatura Infantil

A melhor colecção de contos para crianças.

LEITURAS MORAIS ROMANCES (Aventuras)

Pedidos à Livraria Editora de

A. Figueirinhas, Limitada

87, Rua das Oliveiras—PORTO

A melhor colecção para a juventude

BARROS



VINHOS DO PORTO
DE
QUALIDADE SUPERIOR

A Adega Ideal do Lavrador

tem actualmente espalhadas no Porto, Foz, Matozinhos e Valadares-Gaia, 14 ADEGAS:

R. do Bomjardim, 261-264 (Esq. da Trav. de Licótrás), Telef. 5617; R. das Fontainhas, 193-195; R. do Teatro S. João, 94 (Vulgo Cima do Vila); L. de Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristóvam), Telef. 5802; R. da Constituição, 1395; Av. Fernão de Magalhães, 53-55, Telef. 2484; L. Maternidade Júlio Denis, 1 e 2 (Vulgo Campo Pequeno); Trav. da Bainharia, 24-26 (Esq. da R. dos Mercadores), Telef. 905; R. Anselmo Braancamp, 633; L. de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7. NA FOZ—R. Senhora da Luz, 238-242, Telef. 314—Foz EM MATOZINHOS—R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Avenida Serpa Pinto, Telef. 275—Matozinhos. EM VALADARES—R. da Estação.



Factos e prestações

Crónica anacrónica

Ainda a propósito das bruxas e duas suas mezinhas, recorto de uma correspondência de Aveiro, publicada pelo *Primeiro de Janeiro* num dos dias da presente semana:

Ainda há bem pouco se deu, aqui nesta cidade, um caso que merece registo. Um homem casado arranjou uma amante. Logo apareceu quem à esposa participasse o caso, prontificando-se a pôr-lhe termo. Aceite a proposta — sobre o preço da transacção nada podemos informar por o desconhecermos — a intermediária exigiu que a esposa atraçoada, obtivesse uma porção de excremento do marido e o resto era com ela.

O excremento foi afinal entregue e depois de reduzido a pó — por indicação da bruxa — foi em pequenas doses lançado nas refeições do pobre homem, que tudo ingeria, no melhor dos apetites, sem sonhar a que infâmia estava sendo submetido!

Ah! Se nós indicássemos as personagens que tomaram parte nesta perigosa aplicação, nesta acção repugnantíssima, que espírito não haveria por aqui? — C.

Parecendo que não, esta peripécia é pior ainda que a tragédia de Soalhães. Revela, pelo menos, mais profunda estupidez. Além, os assassinos da pobre Arminda tinham a justificação o *Livro de S. Cipriano*, que prometia a ressurreição dos corpos de cujo interior o diabo fôsse expulso pelo processo radical do espancamento e da cremação. Mas a dama aveirense que perpetrara esta «infâmia» — pertencente a uma classe social acima da mediana, segundo se depreende das últimas palavras da correspondência transcrita — não encontra forma alguma de justificação além da obtusidade córnea do seu cérebro, cuja massa cinzenta deve orçar pela densidade do granito.

Eu confesso que, a-pesar-de terapeuta, ignorava por completo a eficácia de semelhante medicamento, jugulador de infelicidade conjugal: uma espécie de antropoterapia estabelecendo um círculo vicioso através do aparelho digestivo. Certo personagem de Gervásio Lobato alimentava uma

vaca que possuía com o leite da própria rês. A senhora de Aveiro, alimentando o marido da forma que se sabe, pôs em prática um novíssimo sistema que pode acarretar-lhe o prémio Nobel de ciências, por ter descoberto o motu contínuo.

Resta saber se o espiclondrífico remédio teria produzido resultado e o cônjuge infiel abandonou a outra. Eu estou em crer que foi a outra que o abandonou a êle, dado que os seus beijos deviam ter começado a revestir-se de um aroma diametralmente oposto ao dos jasmims ou das rosas.

Como quer que seja, a verdade é que surgiu nas Farmacopeias um novo medicamento, possuidor, entre outras vantagens, da de ser extraordinariamente barato. Nem os boticários, para aviarem as receitas, precisam de recorrer às drogarias. E como são muitos os maridos esfaqueadores da fé jurada à face do altar, e muitas mais as mulheres capazes de tudo para os prenderem novamente ao tálamo, é de crer que de aqui em diante os farmacêuticos não tenham mãos a medir, na preparação do tal pó — de-certo não inodoro nem insípido — que o pobre marido de Aveiro ingenuamente tragou, porventura atribuindo a esturro ou fuligem da chaminé o desagradável sabor das viandas que a mulher lhe servia.

Há muitos anos já que em Coimbra uma lente da Faculdade de Medicina descobriu, ao preparado em questão, um efeito terapêutico interessante. Foi consultá-lo certo dia um cavalheiro, aliás muito estimável, que tinha um só defeito: o de mentir. Onde quer que estivesse, e fôsse qual fôsse o assunto da conversação, não abria a bôca que não despejasse um chorrilho de falsidades. Depois arrependia-se, fazia acto de contrição, prometia a si mesmo não reincidir. Mas dentro de pouco, no clube ou no café, ei-lo a debitar *bujardas* de grosso calibre, de que os outros se riam a bandeiras despregadas, alcunhando-o de *Almocreve das pêtas*.

Era esta a doença do homem, que acabara por convencer-se de que estava realmente sendo vítima de uma enfermidade mental. Por isso fôra consultar o sábio doutor.

Ouviu-o êste, pacientemente, e, prometendo-lhe a cura em breve prazo, travou da pena e for-

mulou. Mas em latim, para que o consulente não percebesse. E o que recebeu? Trinta ou quarenta pilulas de... de uma substância cujo nome Vitor Hugo e Guerra Junqueiro se não dignaram de escrever com tôdas as letras, um nos *Miscaríveis* e outro no *Finis Patriae*.

Passados oito dias, eis o cliente de novo a contas com o médico:

— Senhor doutor! Eu tenho tomado o medicamento, mas, com franqueza, custa-me muito. Aquelas pilulas são infinitamente desagradáveis. Até parece que teem excremento humano!

E logo o clínico:

— Vejo que está muito melhor. Já começa a falar verdade.

Agora, o remédio contra a mentira passou a sê-lo também contra a infidelidade conjugal. E a final de contas, não é a infidelidade conjugal uma mentira também?

Marcial JORDÃO.



A Estante da MARIA RITA

O Mutualismo como doutrina social
por Manuel Anselmo.

Manuel Anselmo é o nome dum novo, e como tal quasi desconhecido ainda no nosso meio.

E mal nos vai se tivermos a veleidade de querer apresentá-lo a público. A MARIA RITA, felizmente, não é tomada a sério. E o nome dêste rapaz, engenheiro distinto, merece ser tomado a sério por todos aqueles que teem os olhos fitos na geração de agora, para as grandes batalhas de amanhã.

A sua conferência, pois que duma conferência se trata, apresentada modestamente, revela qualidades excepcionais de estudo e de valor. E a sua doutrina está tôda certa. O que não está certo é a amabilíssima e pouco verdadeira dedicatória que êle atribuiu a um dos nossos directores. Muito obrigado.

Rés-do-chão

Balancete da semana

Numa semana só de Fevereiro,
que foi tempestuoso e traiçoeiro,
acharam-se nos carros da Carris
cinco pares de luvas
e doze guarda-chuvas,
cinco de homem, e sete feminis.
Assim ao abandono,
perdidos, esquecidos pelo dono,
— doze numa semana —
êsses despojos, lastimosamente,
são a prova evidente
da ingratidão humana.
Chove? Faz frio? Guarda-chuva em riste!
Luvas cobrindo os dedos tiritantes!
Mas rompe o sol no céu,
há pouco plúmbeo e triste,
param do vento os sopros regelantes,
— e como pesam luvas e chapéu!
Por um pretexto fútil
ou simples distração,
lá ficam êles, como traste inútil,
votados ao olvido e à solidão!

*

Tal qual como os jornais.
Com que profundo anseio
esp'ramos o correio
e os jornais que nos trazem no seu seio
os acontecimentos principais.
Abrimos, lemos um ou dois, se tanto;
e logo os atiramos para um canto,
sem que nos lembrem mais!

*

Se nem fogem, até, à mesma sorte
as mulheres que amamos com loucura!
Primeiro, um amor forte,
mixto de entusiasmo e de ventura
desafiando a morte.
Depois, o tédio... E a pobre criatura,
que tanto o coração nos aqueceu,
lá fica abandonada,
— luva desirmanada,
guarda-chuva banal que se perdeu...

*

Haveis de concordar, caros leitores,
que estou hoje um filósofo excelente,
qual se em crânio latejasse a mente
dos grandes pensadores.
Mas notai que nos disse uma verdade
onde cintila imorredora luz.
Foi sempre assim a triste Humanidade,
que Deus criou e que Satan conduz.

ALTO AQUI

Boas petisqueiras

Receitas culinárias

Pescada com todos

E' facilimo cozinhar êste delicioso petisco. Compra-se um anzol para pescar o peixe num frigorífico.

Depois de pescada a pescada, a gente prega-lhe uma partida para ela se escamar. A seguir mete-se dentro duma panela, adicionando-lhe uma máquina Singer para ela coser mais de-pressa.

Espera-se que levante fervura e atiram-se lá dentro batatas, cebolas, couves, cenouras e ovos. Se estes não couberam inteiros, podem ficar as claras nos corredores e as gemas nas escadas.

Decorrida meia hora despeja-se a petisqueira numa travessa e traz-se para a mesa.

Para nos certificarmos de que é *Pescada com todos*, é conveniente contá-los antes de principiarmos a comer, para ver se falta algum.

No caso de haver muitas faltas não podem ir a exame.

Ovos cozidos

Há três formas de cozer os ovos: Em água a ferver, a pontos naturais e "à jour".

No primeiro caso emprega-se a água em ebulição; no segundo, conduzem-se os ovos ao hospital, no último, qualquer costureira de ponto aberto executa êsse trabalho a troco de uma insignificante quantia.

◆◆◆

Instituto de Beleza

Para desenvolver os seios

Compra-se um fole e aplica-se o orifício do mesmo ao bico respectivo.

Dá-se ao fole durante uma hora e, quando se acabar a operação, amarra-se imediatamente uma fita ao úbere para que o ar não torne a sair.

Se o seio ficar desenvolvido de mais, dá-se uma picadela com um alfinete para sair o ar.

Para tapar o orifício feito pelo alfinete, emprega-se breu ou cimento armado. Também se usa a vulcanização.

Pêlos no rosto

Desaparecem imediatamente untando-se o rosto com gasolina e deitando-se logo o fogo a cada pêlo por sua vez.

Se os pêlos do rosto estiverem noutra sítio a receita é a mesma.

Cartas do Mondego

Colega MARIA RITA:

Como de costume e seguindo a velha praxe, os estudantes fizeram uma *tourada* ao Sr. Dr. Agostinho de Campos. Segundo consta S. Ex.^a não gostou muito da brincadeira, mas o que mais o chocou foi o terem escrito na pedra: «viva o Dr. Alfredo Pimenta!». Pelos vistos a *pimenta* faz mal ao Sr. Dr. Agostinho de Campos!

Li ontem num jornal de província que, numa vilória do Norte, se tinha constituído um grupo de Foot-Ball, do qual fazem parte os jogadores Guerra, Paz e Providência.

Em face disto não tardará muito que os jornais nos dêem notícias como esta: Guerra ataca. Paz está em má forma. Providência salva as rédes dum grande perigo.

E aqui temos nós a guerra às bulhas com a paz e a Providência a salvar tudo!...

Alguns diálogos surpreendidos no Carnaval:

— Gostaria, queridinha, que me fosses fiel como um cão...

— Nada melhor do que comprando-me um colar...

— Você diz que me tem amor, mas porque não me dá provas?

— Ah! minha filha, aos cinqüenta anos já não se dão provas... dá-se a palavra de honra.

— Você já praticou algum feito valeroso?

— Já!

— Qual?

— O de ter pedido a sua mão!

Festa de caridade. Um *bar*. No *bar*, ao balcão, uma figurinha gentil e da melhor sociedade serve os convidados com o seu melhor sorriso.

Um inglês aproxima-se, dá cem escudos e pede uma taça de *champagne*. A vendedora, em face de tam grande dádiva, enche a taça, sorri e diz numa vozinha doce, melodiosa e cantante: — Obrigado! Como prova de reconhecimento beberei um pouco do vosso *champagne*... Levou à taça aos lábios vermelhos, bebeu e estendeu-a ao inglês.

— *Yess! Você ter muita graça beber champagne, mas mim preferir taça lavada!*

O Dr. Carlos Santos, no seu livro «Como eu vi a Espanha», chama, ao cinema, micróbio. Tenho ouvido chamar-lhe muitos nomes bonitos e feios, mas chamar-lhe micróbio só lembrava ao Dr. Carlos Santos.

Já havia os micróbios da tuberculose, da sífilis, da gripe etc., etc., e agora aparece-nos o micróbio do cinema.

E daí talvez tenha razão! Há por aí tantos meninos atacados de *cinéfilite!*

Abraça-te o colega

MII REIS.

Décimas... dentro do praso

Negócios... da China

Lá pelas terras do arroz,
Comido com dois pauzinhos,
Não cessam os borborinhos,
Não termina a luta atroz.
Dizem que o Japão, algoz,
E' que arranja aquela alhada,
Pondo os chins em debandada,
Sem respeito pela lei...
Foi ter com el's a Cha-Pey,
E a China é que foi... chapada!

Depois, foi na Mandchúria;
Salta a seguir no Jehol,
Ajudado p'lo mongol,
Que se bate sem lamúria.
A luta aumenta de fúria,
E tóda a China, surpresa,
Dá às *gambias* com prestesa,
Por 'stratégia, recuado
E as terras evacuando...
...Com clistr's... à japonesa!

BISNAU.

Marcial Jordão

O nosso sempre jovem Marcial Jordão, completou na passada terça-feira 57 risonhas primaveras.

Tôda a rapaziada cá da gazeta rejuvilou, tendo MARIA RITA vestido nesse dia a sua melhor saia.

A Marcial Jordão, um grande abraço dos meninos seus camaradas.

PERFIS DO PORTO

XL

PEDRO MARTINS



E' tão bom e tão sério que nem sequer dá uma legenda humorística!

Muito iguais

Casal ideal aquele que era composto pelo sr. Carneiro e *madame* Carneiro. Ambos da mesma idade, com os mesmos gostos e com as mesmas doenças.

Já de pequenitos se viu que eram fadados um para o outro.

Nasceram ambos no mesmo dia, na mesma rua, na mesma terra, foram, também, baptizados na mesma pia e casaram um com o outro no mesmo dia. Coincidências!...

Mas como não há bela sem senão, a *madame* Carneiro era infeliz.

E sabem porquê?

Porque a sua vida era de uma tal igualdade com a do marido, que se tornou de uma monotonia irritante para os seus nervos.

Se tinha dores de cabeça, ou de dentes, ou dos calos, era fatal que o Carneiro também disso se queixava.

Era o inferno elevado a tal ponto que a *madame* já não podia ouvir falar em bolchevistas, pois lhe diziam que eram os únicos malandros do mundo que tinham o descaramento de viver em igualdade.

Esta tensão de nervos levou-a a

pensar seriamente em alterar retumbantemente tal igualdade que demorava já há 15 anos.

Ora um dia, o Carneiro viu sua esposa, já em adiantado estado de... gordura, chorar, queixar-se de muitas dores e no fim chamar em alta grita a vizinha D. Gertrudes, parteira, e moradora no andar de baixo.

Foi uma revelação para o Carneiro que ficou radiante por ser futuro papá dum futuro rebento que Deus e a D. Gertrudes lhe dariam.

Foi quebrada, nestes momentos, pela primeira vez a igualdade do casal, pois a *madame* tinha dores sem que o marido as tivesse...

Assim que a parteira apresentou tôda ufana o pimpolho, mestre Carneiro disse:—Enfim sou pai.

E ficou-se a saborear a sua grande felicidade, ao passo que a esposa pensava na cama:

—Ora aí está uma coisa que não é igual nas nossas cabeças. A minha está a pensar no pai da criança, e a dêle está a pesar... as responsabilidades de ser pai.

PINDÉRICO.

Um têsô!

No Paraguai, um velho etogendário ofereceu-se para combater os bolivianos.

Informa um jornal que um velho dos seus oitenta ou mais anos, mostrando não ser pequelho, se propôs — que belo espelho! — dar luta aos bolivianos.

Paraguaio, rijo e têsô, que à sua Pátria faz guarda, é um patriota de pêso com sentimentos em barda; a afirmar inda energia p'ra manejar a espingarda e p'ra fazer pontaria!...

João do MINHO.

ANUNCIOS da MARIA RITA

VENDE-SE — Objecto redondiforme, em loiça das Caldas e formato de chávena, de muita utilidade no lar doméstico; para mais informações, escrever ao proprietário, Manuel das Necessidades, Rebordelo.

DECLARAÇÃO — Matias Malcasado Rebolo, declara, para os devidos efeitos, que não se responsabiliza por qualquer dívida contraída em nome de sua mulher, D. Maria do Rebolo, em vir-

tude de ter a mesma trocado as armas, fugindo com um primo que lhe fazia pé de alferes nas horas vagas.

UMA OBRA DE CARIDADE — Apela-se para a caridade pública para valer à triste situação em que se encontra um pobre individuo de nome Arnesto da Boavida, o qual, tendo sido pôsto fora da sua moradia habitual, sita na Penitenciária, pede a alma caridosa lhe ceda quarto para dormir, por uns dias. Prefere casa com pratas antigas.

SABER NÃO OCUPA LUGAR

Perguntas e Respostas

- Que é zona tórrida?
- Oito anos rechonchudos.
- E zona temperada?
- Quarenta anos mal passados.
- E zona glacial?
- Um cinéfilo sem chapéu nem nada.
- Quais são os pontos cardiais?
- Dois: saúde e dinheiro.
- Quais são as estrélas errantes?
- As que andam de noite, coitadinhas.
- E as estrélas fixas?
- As esposas.
- Quais são as nebulosas?
- As sogras.
- Que é uma ilha?
- E' uma mulher bonita, rodeada de adoradores por todos os lados.
- Que é um rio?
- E' uma porção de negócios rendosos a correr sempre para o cofre dum sujeito já rico.

Rei dos NABOS.

TOM! TOM! TOM!

Parece uma peça de artilharia.

TOM!

Ali, na *Associação dos Jornalistas e Homens de Letras*, à rua do Bomjardim, é que o TOM, estrondosa abreviatura de D. Tomaz de Melo, abriu a sua interessante exposição.

MARIA RITA é uma senhora comprometida com o Riso e daí a impossibilidade de falar a sério de exposições... a não ser ministeriais.

Em todo o caso, MARIA RITA tem uma particular estima e admiração pelo TOM e por isso garante sob palavra de honra que TOM merece ser visitado, por quantos neste Pôrto se interessam pelas coisas de Arte.

TOM é um espírito moderno de desenhista e decorador, que observa com inteligência e liberdade os seus modelos.

E' um vanguardista, eis tudo.

Mas tem real talento, o TOM, e é por isso mesmo que aqui lhe damos um grande xi coração, se é que a nossa estatura nos permite semelhante figura de retórica.

Seja feliz, TOM, e venda tudo que bem o merece.

Previdência



— *Minha senhora, êste pudim ficou esturrado.*

— *Então, o que tem? Já vossemecê fica sabendo que o da bandeira vermelha e preta é só para os hóspedes.*

DESCANSO SEMANAL

Jogos florais de Gaia... jornalística

Vamos hoje tratar do concelho vizinho. Antes, porém, vamos-nos benzer, não vá o proflifero Pérola Verde desatar a insultar-nos com tôdas as palavras do seu vocabulário jornalístico.

Entremos pelo

"A Luz do Operário"

onde o sr. Raul F. Santos, continua a fazer desaguar a inacreditável veia.

Vejamos o que êle nos diz

Da Madalena

No momento em que lanço mão á caneta delira de entusiasmo e ansiedade este fragmento de Portugal, debruçado ousadamente sobre o Oceano, e osculado pelo murmúrio longiuo do Douro.

E' pois mais uma vez que o arauto que assindla a civilização e progresso nesta terra, é convidado para rasgar com gargantas de ouro o oxigénio desinquieta da capital.

Esta coisa de rasgar o oxigénio não lembra ao diabo!...

Se calhar o sr. Santos julga que o oxigénio é por aí algum paninho para camisas...

Deverá ser pois no Parque Eduardo VII, que esses sons levantarão homenagem, ao seu quinhão, desprezado pelos ruídos de veículos, em efusão, jardim de ilusões, sementeira de projectos irrealizáveis, lugar onde se aguarda ansiosamente o repouso da «Aguia» metálica esfalfada de fender os ares. Berço inesquecível do inolvidavel tenor Manuel Leite, a quem a cidade Ulissea ficará devedora dos melhores momentos de sua historia actual, entregando-lhe, como premio, de seu apreciado mérito as alviçaras do «O Génio não tem Raça».

Temos ouvido chamar muita coisa ao parque Eduardo VII. Convimos até que seja um local apropriado para os ruídos em profusão, e seja um jardim de ilusões; mas o que nunca ouvimos, foi chamar-lhe sementeira de projectos irrealizáveis. Com certeza a Ex.^{ma} Câmara de Lisboa não gostará de ouvir chamar-lhe assim.

E' pois no Orfeão da Madalena, que depositamos o tesouro dos nossos ideais e a reliquia das nossas gloriosas tradições.

Esperamos por isso que a mocidade portadora desta importante missão, a desempenhe garbosamente como é o seu costume, levantando bem alto o nome da sua terra natal perdida e oculta num ambiente de doces nostalgias, e marginada por frondosas árvores e florestas.

A gente depois de ler isto fica com a impressão de que a Madalena é uma perdida, e anda a esconder-se da gente por entre as florestas virgens!

Coitada da Madalena! Se calhar foi lá, nesse ambiente de doces nostalgias, que nasceu o nudismo integral.

E' por isso que nos apetece dizer ao articulista:—O' Santos, vá-se despir.

Agora, outro bocado, de outra correspondência do mesmo cavalheiro.

— Seriam duas horas da madrugada de hoje, quando fui acordado por uma voz que rasgava o silêncio que permanecia neste lugar.

Entoavam lindas canções, acompanhadas por alguns instrumentos que vibravam docemente nas mãos dos seus exímios tocadores, que se encontravam a contemplar uma janela de onde esperavam a presença duma linda vizinha.

Por alguns momentos pude contemplar um grupo, mergulhado em densas trevas, e do relance desapareceram, ficando tudo submerso na mais completa solidão, só se ouvindo um longo rumor que eram as procelas marinhas que se debatiam contra os rochedos e vinham despenhar-se na areia.

Prolongou-se por um espaço de alguns minutos este silencio, para de novo ser despresado, pois aparecia o mesmo grupo, que depois de se localizar, começava com mais entusiasmo um canto melodioso, e ardentemente evocava poeticas imaginações para chamar a atenção da «Venus» dos seus olhares.

Eu então movido pelo interesse de reconhecer os cantadores, aproximei-me d'êstes, muito oculto, e presenciei que se tratava de alguns amigos, destacando-se como o mais influente o José Queiroz.

Como estivesse satisfeita a minha curiosidade, regressel para o lugar onde me achava, quando com muita surpresa olhei e vi que o referido grupo corria em debandada por entre os campos, e que um forte busto humano os precedia, armado de um pau, gesticulando frases, que a-pesar-de imperceptíveis para mim, denotavam a sua colera.

Como não os alcançasse, voltou para casa sedento de vingança, e tudo ficou no mais profundo abismo da solidão.

Não interrompemos o leitor, positadamente. Era pena, realmente, que se perdesse o fio à meada. Mas agora, façam o favor de nos acompanharem.

Começaremos por aquela voz que entoavam canções, rasgando o silencio.

Depois, como viram ficou tudo submerso na mais completa solidão, enquanto as procelas vinham despenhar-se na praia.

Por fim o silencio foi desprezado pelo grupo que evocavam poeticas imaginações.

Até que por fim, largaram as violas e desataram a correr pelos campos fora atrás de um forte busto que os precedia, e que gesticulava frases, bem de-certo ao mesmo tempo que metia o pau na boca.

Depois é que não percebemos. Como era possível que os não alcançasse se êle os precedia?...

E depois, mais nada. Só o profundo abismo da solidão.

* * *

Ai, sr. Santos! Que desgraça tamanha!

Quem diria que por essa bem dita terra, andam homens a correr atrás de um forte busto?...

Mas que forte busto, o senhor nos saíu!...

Para fechamos só uma passagem de o

"Comércio de Gaia"

Falecimento

SERMONDE, 2 — Faleceu no passado dia 26, de Dezembro na sua residência, após um purlungado sofrimento de 4 anos, a sr.^a D. Maria de..., onde de nada lhe valeu a ciência dos homens, todos os esforços foram de salientar essa terrível doença que é a tuberculose.

Era filha do já falecido sr. António de..., e da sr.^a D. Tereza de..., do lugar da Asprela. O seu funeral foi o mais importante que se tem feito nesta freguesia, tendo-se celebrado missa de corpo presente que foi muito assistida por pessoas amigas dos doridos e da falecida, ficando o seu jazigo coberto de coroas e buques. A Família Rocha, a sua mãe e seu marido, apresenta O Comércio de Gaia as suas dondúncias. — C.

E é assim que em meia dúzia de linhas se esgravata na gramática portuguesa tantas vezes...

E depois, há de a MARIA RITA estar calada!...

E' o ficas! Ainda que o sr. Pérola se torne defensor honorário de todos os oprimidos semanais, nós é que não abandonamos o campo, mesmo que seja o da Honra... e Proveito.

E alguma coisa temos feito já, graças a Deus.

"Maria Rita" não fuma!...

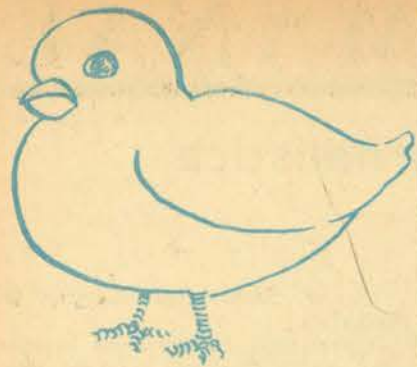
O fumador parasita,
Pede lume a cada instante...
Já não dou, basta de fita,
Mais lumes d'hoje em diante!...

Não fuma a MARIA RITA...
Ela acha até repugnante
O fumo!... Não acredita,
Que o fumo seja galante!...

Fuma só quem é teimoso
Que a tal vício se acostuma
P'ra tirar do fumo um goso!...

Não tem vício, quem não fuma...
Posso dizê-lo vaidoso:
A MARIA RITA é uma!...

Alfredo Cunha (RAZ.).



Rectificando o Sr. Dr. Carlos Santos

O Sr. Dr. Carlos Santos, doutor em letras, polígrafo que maneja a língua magistralmente, com o que ninguém tem nada com isso, —êlé próprio no-lo disse— deu uma tremenda sorte com as críticas de MARIA RITA...

Desagravá-lo públicamente é, pois, nosso dever.

Fazemo-lo gostosamente.

O Sr. Dr. Carlos Santos julgou que havia aqui manifesta má vontade contra Sua Excelência, mas enganou-se redondamente.

Temos até por Sua Excelência uma grande simpatia.

Mas de que se queixa amargamente o Sr. Dr. Carlos Santos?

De lhe termos chamado «Como eu vi...»?

De nos termos referido ao seu *bico de cegonha*?

Mêdo

Eu tenho mêdo — mêdo muito mêdo
Dessa visão medonha, alucinante.
Que a minha vida transformou tão cedo
Numa passagem colossal, de Dante...

Eu tenho mêdo — mêdo!... Mas que enrêdo
Me traz essa visão horripilante
Eu negro transformando um sonho ledô,
Tornando o meu viver amargurante?...

Mais pífia do que as pífiás que se presam,
Essa visão tem geitos que a despresam,
Ademanes de quem o bem não logra...

Há de ser sempre má — até à morte!
Mortais: — quereis saber a minha sorte?...
—...Foi ter casado sem pensar na sogra!!!...

Um MARTIR.

Nada disso.

O que melindrou assazmente o Sr. Dr. Carlos Santos foi o termos dito que Sua Excelência é vaidoso e abre as *asas da fantasia sobre os Baedeker's*, o que, segundo crê, é o mesmo que chamar-lhe plagiário.

Plagiário, o Sr. Carlos Santos?

O' suprema ignomínia!

Todos nós nesta casa o achamos até muitíssimo original!...

Quem há por aí que duvide da originalidade evidente do Sr. Dr. Carlos Santos?

Já um seu colega disse um dia que êle é originalíssimo e que além disso administra admiravelmente a sua originalidade...

Duvidar, pois, da originalidade do Sr. Dr. Carlos Santos, sobre calunioso é manifesto disparate.

Aliás o Sr. Dr. Carlos Santos, que é distintíssimo professor, deve ler melhor a frase.

Abrir as asas da fantasia sobre os Baedeker's, é precisamente o contrário de copiar o que vem nos *Baedeker's*.

Não será assim, Sr. Dr. Carlos Santos?

O Senhor que sabe português, deve reflectir dois minutos sobre a redacção do que aqui se escreveu a seu respeito.

Quanto a ser vaidoso... é, sim senhor, e tem de quê, felicissimamente...

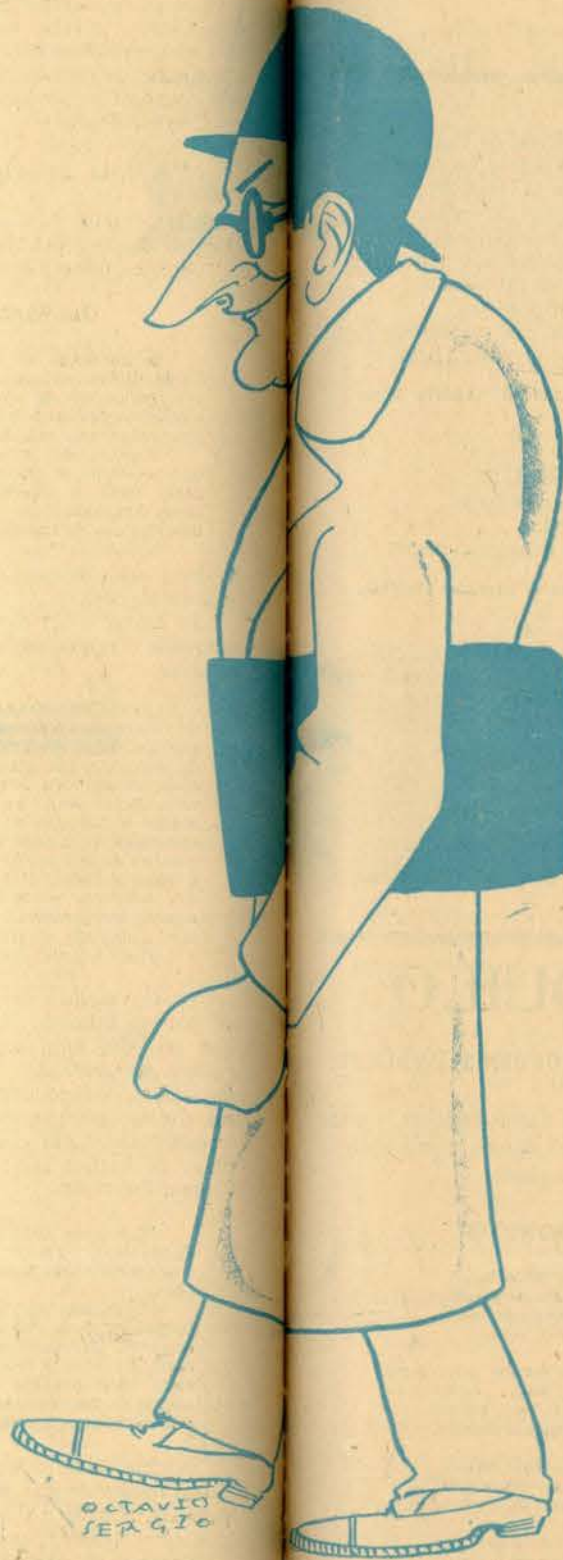
Carlos Santos há só um, ainda que seja verdadeiramente lastimável não haver pelo menos dúzia e meia!...

Então é que êste Pôrto, chato, plebleu, ordinaríssimo, seria uma cidade notável no que concerne ao de apertar as mãos na barriga...

E que fino! — termos aqui intramuros da invicta, dúzia e meia de Carlos Santos!

Ah! mas esta raça infelicíssima não comportava a fortuna de possuir dúzia e meia de homens notáveis.

Carlos Santos é só um e com êsse teremos de contentar-nos, se é que



Como eu vi o Sr. Carlos Santos...

Deus não determina que de Sua Excelência fique abundante semente por aí espalhada.

Nós temos a maior consideração pela História da Literatura Portuguesa, razão porque respeitamos o nome do Sr. Carlos Santos.

No capítulo do século xx da literatura portuguesa, está há muito o nome augusto, que por sinal é Carlos, do Sr. Dr. Carlos Santos.

Lá vem a referência justíssima.

Raúl Brandão, Aquilino Ribeiro, Júlio Dantas, Antero de Figueiredo, Leonardo Coimbra, Teixeira de Pascoais, Correia de Oliveira, Mário Beirão, Júlio Brandão, etc., etc...

Aí por alturas do segundo etc... está precisamente o Sr. Dr. Carlos Santos.

Ora de um homem que fica na história amarrado às três reticências do *et coetra*, quem há de fazer pouco?

Que responda o romeiro do «Frei Luís de Sousa»:

— Ninguém!

De modo que todo o mal que o Sr. Dr. Carlos Santos nos quer julgar que nós lhe queremos mal, não passa de um triste e lamentável equívoco.

Ninguém, — ninguém, saibam-no o mundo e seus habitantes — aprecia mais as qualidades literárias de Sua Excelência.

O Sr. Dr. Carlos Santos tem nesta casa simplesmente o que quiser.

Uma assinatura gratuita, borlas para os teatrinhos e — ó céus! — até prémios de concurso, quantos queira.

O Sr. Dr. Carlos Santos, que anda um tanto curvado, quis ser por nós rectificadô.

Aqui tem a rectificação.

Que quer agora depois de tudo isto?

Outra rectificação?

O', Senhores, rectificar é o nosso destino, a nossa vocação, o nosso ta-

lento, o nosso engenho, o nosso génio piramidal, a nossa riquíssima bôlha.

Rectificaremos tantas vezes quantas sejam precisas para o Sr. Dr. ficar completamente rectificadô.

Não, há de ser por falta de rectificação que o Sr. Dr. Carlos Santos há de desgostar-se com a MARIA RITA.

Escreva agora, se lhe parece, mais um volume para a colecção «Como eu vi»:

«*Como eu vi a rectificação*». E' trabalho leve e serve para entreter o tempo até à publicação do seu trabalho monumental: *Como eu vi os Países Baixos!*

Que o Sr. Dr. Carlos Santos, é bom que o saibam, vai continuar a correr mundo para nos dizer *como viu* tudo o que vir.

Ali à preta! Pois então!

E depois de percorrer o mundo terrestre vai até à Lua, escrevendo sobre essa viagem quatro estupendos volumes: *Como eu vi a Lua cheia*, *Como eu vi o quarto minguante*, *Como eu vi o quarto crescente*, *Como eu vi a Lua nova*.



Ao desolado «Tripeiro»

A tua «maviosa despedida»
Por certo enterneceu o coração
Da gente que compõe a Redacção,
P'lo que ela tem de triste e dolorida.

Crê que mui me contristá o teu lamento
E sinto bem que findo o tal concurso,
Te obriguem a fazer figura de urso,
Por não galardoarem teu talento.

Vai, pois, para o *convento* de Cacia.
Com a veia que tens p'ra poesia,
Talvez, um dia, sejas laureado;

Mas, cautela, não vá a convivência
Amargar-te mais a existência,
Tornar inda mais negro êsse teu fado.

Tripeiro (de GEMA).

✚ AQUI JAZ

== Continuação do concurso da MARIA RITA == 50\$00 ao melhor epítáfio publicado ==

Nesta campa pequenita
Jaz o nosso Damião
Não o que anda em questão
Com a nossa MARIA RITA.
Este não ia na fita
Não se estava para ralar
Passava a vida a cantar,
Dos outros dizendo mal
Mas mesmo assim sem querer
Foi tal qual um animal
Que acabou por morrer
Depois de tanto pensar.

Remetente: José R. Viana.

Aqui jaz o meu amigo
Crispiniano Mendia
Morreu escrevendo um artigo
Para o «Ecos de Cacia».

Remetente: Rei Louro.

Adeus. Pérola e Damião
Jazem nesta campa fria.
Morreram de congestão
Ao tomar banho na ria.
O bom povo Caciano,
Vem prestar esta homenagem,
A'queles que tanto ano
Puxaram à carruagem...

Remetente: Rutra Luar.

Aqui jaz o «Ecos de Cacia»
Que era a beleza dos jornais
Pois tôda a gente se ria
Dos êrros gramaticais.

Remetente: Francisco J. Rodrigues.

Aqui jaz Pérola Verde,
Seu avô e sua tia,
Envenenados c'os ecos
Lá do órgão de «Cacia».

Remetente: Rei dos Nabos.

Aqui jaz grande sisudo
Que jamais no mundo ria.
Morreu bem, às gargalhadas,
Lendo o «Ecos de Cacia»!

Remetente: Olegna.

Aqui repousa, o padeiro
De Cacia, o Damião.
Morreu o pobre sendeiro,
De tanto dar ao peneiro
E fazer bolos à mão.

Remetente: Rei do Orco.

Aqui jaz só, o «Ecos de Cacia»,
Damião P'rola Verde e Comandita,
Enterrados por a MARIA RITA
Numa terrível noite de orgia.
Sua carreira foi tão gloriosa
Que sempre retiraremos sem enfado,
Das reminiscências do passado,
Sua existência tão famosa.
Pois todo o valor que no mundo havia
Se acabou com o ecos de Cacia.

Remetente: Adolfo Dias.

Eu te peço, MARI'RITA,
Caso co'o «Ecos» te batas
Acauteles as canelas
Da «arma» que rima em «atas»...

Remetente: Elmano Otrebla.

Aqui jaz o Damião,
Pretendente a literato,
Mau fabricante de pão,
E escritor caricato.
Morreu duma congestão,
Ele que era tão pacato!...
Co'a MARIA RITA na mão,
Ao ler um certo relato.

Remetente: Zé Barão.

(Continua).

Pérolas a...

Pérola Verde, então você,
Esverdeado ratão,
Chamou-me, não sei porque,
Famigerado espído!
E' certo que eu tenho rido
Juntamente co'a *Maria*
Do muito bem redigido
Jornal *Ecos de Cacia*.
Damião não fez banzé
Pelas minhas bagatelas.
Você p'ra mostrar quem é,
Vá de atacar-me as canelas!
Se a boca voltar a abrir,
Cuidadinho, *pér'la fina...*
Pode às vezes engulir
Um bolo d'estriquinina.
Mas continue na fita,
No *Campo de Honra* a esgrimir,
Por que eu, qual MARIA RITA,
Desejo morrer a rir...
Ao seu inteiro dispor
Cá fica o grande *espído*.
Escreva, faça favor
Não dê por finda a questão.
Porém assinse-se em breve
Só um P. e um V. ponha;
São letras com que se escreve
A frase — Pouca vergonha!

(Aveiro).

OLEGNA.

Posta restante

Seis de Valongo — Cartas do género das que enviaram são quasi ilegíveis. Bem nos basta a obrigação de decifrar o *Ecos de Cacia*. Digam de outra maneira o que pretendem e a MARIA RITA estará ao vosso dispor.

Batalhão de Caçadores 9 — Braga — Será feita a vossa vontade. Queremos apenas, em troca, o favor da vossa propaganda a nosso respeito.

Mil Reis — Pronto. Está aberta a secção e oxalá venha sempre como até agora.

Concorrentes do primeiro mote do «Aquilo que nós sabemos» — Foi tudo pró major. Tinham pelinho na venta, as quadras.

Scalabitanus — Vamos ver as razões, e já no próximo número diremos alguma coisa.

Rei Louro — O sonetinho já foi publicado. O *Aqui Jaz*, será também.

Zé Barão — A do inglês tem graça mas ofende. E essa coisa está apertadíssima. E' isso e os crimes passionais.

Dr. Pretito — A MARIA RITA vai publicar mensalmente uma página dedicada às colónias e ilhas adjacentes. Podemos contar consigo?

A. Rocha — Não serão publicados os outros dois epítáfios. Mande mais.

AQUILO

que não podemos publicar

A pedido de várias famílias, e entre elas a do autor, damos publicidade a esta obra de cinzelaria.

SONETO

De mármore queria ser,
Com o coração de granito,
Não sentir meu peito açoitado
Quando te vejo sofrer.

Contemplo a tua dor, quero dizer
O que sinto; mas... emudeço
Vejo-te assim triste, intristeço
Fico com mágoa a padecer.

Quis talvez o fatal destino
Que eu viesse conhecer-te?
Mil conjecturas faço, não atino,

Com o que quero dizer-te,
Neste combate me moíno,
E sinto-me feliz ao ver-te.

MENDONÇA.



FOLHAS DE ALFACE

CARTAS DA CAPITAL

Minha querida MARIA RITA:

E' tudo culpa das ondas. Eu não sou velho, acho mesmo que estou em estado de novo, mas ainda sou do tempo em que não havia ondas. Havia, é claro, as do mar; e havia, escusado será dizê-lo, as ondas do teu cabelo, em que os poetas se deitavam a afogar sem verem bóia de salvação que os segurasse. Sim. Havia essas ondas; agora, há essas, e muitas mais. Agora, tudo são ondas. Anda a gente a bater o queixo? E' uma onda de frio. Suam os cidadãos as estopinhas? E' uma onda de calor. Constipam-se e encatarram-se umas dúzias de famílias? E' uma onda de gripe. O mundo, velha cabeçorra de guilhotinado atirada para um cabaz colossal por um Carrasco infinito, cuida, enquanto não chega ao fundo, da sua faceirice; — e arranjou uma ondulação permanente... Ondas. Muitas ondas. Na T. S. F., até lhes chamam curtas e compridas. E' uma onda de ondas. Deus queira que passe, como as outras. Juro-te, MARIA RITA, que com tantas ondas é impossível a gente agüentar-se no balanço...

Li no jornal uma notícia que me impressionou. Até aqui, a maior profundidade conhecida estava situada no Pacífico e não ultrapassava nove mil e tal metros. Pois uns maduros que, devido à crise americana, andam à procura de grandes fundos, encontraram agora, no Atlântico, (muito mais perto de nós!) um buraco com quasi quatorze quilómetros de profundidade!

Vê tu se não é de se nos põem os cabelos em pé de guerra!

E se calhar, a coisa ainda não fica por aqui. O orbe terráqueo, (um orbe que, se se revela tão líquido, não vale um terráqueo) é capaz de ser uma tremendíssima esponja, sem exclusão da América; a esponja sideral com que o Supremo Arquitecto ensaboa o juízo. (Estou hoje estratosférico como burro, mesmo sem ninguém me Piccard). Aquelas depressões dos fundos oceânicos, a que no liceu ouvia chamar «fossas abissais», procurando bem, devem comunicar até ao outro lado. As sondas não podem verificá-lo, por mais corda que lhes dêem, porque precisavam de ser de ferro, para descer, e ser depois de madeira, para subir. Mas, sem receio de desmentido, de aqui denuncio aos sábios esta verdade, ou seja, — o principio das fossas comunicantes. E' por ser assim que o mundo não tem emenda. As verdades que lhe dizem, as clarezas que lhe proclamam, as certezas que lhe demonstram, — entram-lhe por uma fossa e saem-lhe pela outra...

Cromwell, o único semi-republicano que até hoje teve a Inglaterra, pendurou certo dia no Palácio do Parlamento um pacato letreiro em que se lia: — *To Hire* (para alugar), como as leis do inquinato são actualmente bicudas, um qualquer aspirante a Cromwell, na Alemanha, foi-se ao Reichstag, fêz um montinho de carqueja debaixo da mesa da presidência, baptizou-o com pitroline, chegou-lhe um fósforo; — e o Parlamento ardeu.

Parece que era uma casa muito bonita; mal empregada!

A mim, confesso, o que mais me surpreende é que uma Câmara de Deputados seja combustivel. Como é que não empregam exclusivamente material isolador, na construção do Sindicato dos Oradores Fogosos, no erguer do estôjo onde a retórica produz, e queima, o seu melhor fogo de vistas?... Será por contarem com que, por muita matéria inflamável que se acumula num edificio, não há perigo de incêndio onde falta... o fósforo? Deve ser isso. E, — a verdade manda Deus que se diga... — unca nenhum parlamento ardeu com os parlamentares todos lá dentro.

Bumba! Dictadura na Grécia.

De aqui a nada, é preciso andar com uma lanterna à procura, no mapa, de uma nação sem Rei que seja também um país sem Dictador.

Camisas negras, camisas castanhas, camisas azues, enxameiam nos panoramas nacionais dos povos que querem viver. Só a França se resigna ainda a um *soutient-gorge* côr de rosa sujo, que está mesmo, mesmo, a pedir reforma.

Parece-me que o fenómeno tem esta explicação de camisaria, e de confiança: — a democracia meteu o mundo numa camisa de onze varas; e o mundo agora vingá-se, metendo a democracia numa camisa de forças...

Dispõe sempre do

Tomaz Ribeiro COLAÇO.

Boa resposta



O tasqueiro — *Atão, como bai isso?*
O freguês — *Bai-se bebendo, bai-se bebendo.*

Balada dos olhos de vidro

Criança loira, tu tens
olhos de vidro.
Boneca!
Vens
mesmo ao pintar da faneca.

Ouve, escuta e olha firme.
Eu quero rir-me
ao fitar os teus olhos de cristal.
(Parece mal
eu rir-me assim...)
Chega-te mais p'ra mim
e fita-me melhor.
Porque não vais ao doutor
lazer uma operação?
Tira esses olhos de vidro
que te fazem muito feia;
põe outros onde se leia
tôda a fulgência viva do teu coração

.....
Tu não vês,
meu amor,
quantos dedos eu tenho nesta mão?
Tenho um ou tenho dez?
Que dor,
que dor atroz
não há-de ser a tua
ouvindo a minha voz,
sem que vejas se falo ou se é na rua
que apregoam bananas.
Ora tanas!

.....
Vai ao doutor,
loira criança,
vai.
Tem sempre esperança,
amor.
Podes um dia ser mãe
e depois os teus meninos
nascem com olhos de vidro,
pequenos...

.....
Não queiras esses olhos, tão patetas
no seu brilho sem brilho.
Olhos assim só vistos por lunetas
— como os olhos dos poetas...
Mas não te metas
em sarilhos.

.....
Vai ao doutor que eu pago-te a consulta.
Não sejas 'stulta,
aproveita.
Então?
O doutor
deita-te uns pós e deita
mais qualquer droga e feita
fica a operação
sem dor.

.....
Hei-de beijar depois teus olhos puros,
cheios de luz...
Em vez de olhos, agora tens dois furos
dois buracos escuros
onde viceja o pus...

.....
Vai a um médico que seja
oftalmologista.
Deixa os milagres da Igreja,
deixa.
Nossa Senhora da Vista
tem de ti mui grande queixa,
porque és grande pecadora.
...É teu pecado maior
é teres de vidro os olhos
— feiticeiros, dum brilho tentador
e sem igual —
que tôda a gente adora
por seu mal.

.....
Vai-te embora!

Inácio de LANHOLA.



O BRANCO NO PRETO

SUPLEMENTO MENSAL DA "MARIA RITA", DEDICADO ÀS COLÓNIAS E ILHAS ADJACENTES

ANO I—N.º 1

DIRECTOR: D. AFONSO V (O Africano)

Tiragem 50:000 exemplares ou mais

EDITORIAL

Não há ninguém que seja insencível às lágrimas. E a MARIA RITA, como mulher, como tripeira, não podia passar por cima delas como gato sobre brasas. Porque as lágrimas queimam, meus senhores! E tantas temos recebido pelo correio de além-mar, que em dias de mala de África, na nossa redacção não se pode entrar senão de barco ou de escafandro.

Lágrimas, sim, vamos dizendo, e muito bem. Lágrimas de saúde por esta bendita terra; lágrimas de riso, pedindo a remessa do nosso jornal, e lágrimas até de crocódilo, em algumas cartas em que nos dizem que não podem mandar a massa da assinatura. Estas são as que mais nos doem.

Mas lágrimas a-pesar-de tudo... Há quem chore por não entrar nos concursos, por não poder glosar os nossos motes, e por não poder ir jantar ao Madrieno.

E' claro que por entre tanta lágrima alguma coisa se havia de divisar. E aí está a razão da criação deste nosso suplemento mensal, onde será arquivada a colaboração dos nossos irmãos de além-mar, e onde aparecerão os concursos próprios e os passatempos adequados.

O' vós que mourejais de sol a sol! Vinde até nós que os nossos braços são maleáveis e amigos! Aqui vos deixamos a pirâmide secular, de onde podeis gritar ao mundo inteiro como outrora o célebre Artaxerxes do cimo da Torre dos Clérigos:

— Portugueses! Do alto desta tribuna milhares de almas vos falarão de alto e com bom som.

Vivam os nossos amigos de além-mar!
Vivam!

Afonso V.

N. da R. — Estamos nas melhores relações com Sua Ex.^a o Senhor Ministro das Colónias.

FALAM OS NOSSOS CORRESPONDENTES

Açores, Ilha de S.ta Maria

Uma conta original

LEITE

do mes Passado canada de Novembro. no primero de Dezembro cotinu alover a 3 coartinhos.

Nou dia 3 meia canada por não a ver mais; cotinu a lovar a 3 coartinhos, até o dia 7 foi o travez só meia canada.

Cotinu o travez o dia 8 até o dia 15, 3 coartinhos. No dia 15 foi uma canada. Cotinu no dia 16 por diante 3 coartinhos até o dia 22 no dia 22 foi só meia canada.

Cotinu no dia 23, 3 coartinhos até o dia 26; no dia 26 foi uma canada, cotinu o travez no dia 27 até ou ultimo do mês 3 coartinhos mas fica só mês com 30 dias porque eu não tive leite no dia 5.

Deita 23 canadas e um coartinho a dois mile reis soma 46\$500.

Perceberam alguma coisa?

Eu percebi que o fornecedor continua a levar ora canadas ora quartinhos e que o mês de Dezembro ficou o ano passado com trinta dias, porque êle não teve leite no dia 5; que depois de tanto

levar, deita 23 canadas e 1 quartinho, não sei por onde, e que a dois escudos soma 46\$50.

Foi esta a quantia que eu lhe paguei e como não estive para maçadas fiquei sem saber se o fornecedor de leite, levou... mais alguma coisa... do que eu lhe devia.

Dr. PRETITO.

Lubango

ENSINAMENTOS PRÁTICOS

mandados pela nosso correspondente de Lubango

CONTRA OS SOLUÇOS

O soluço é uma contracção histórica dos intestinos, que determina um abalo brusco das cavidades da «silha» acompanhado de um som rouco particular e de uma eclosão súbita de barriga interrompendo as lamúrias das inscrições.

Pode ser causado por um crêdor ou por uma má digestão estomacal-manjedoura.

Passa imediatamente tomando-se três a seis comprimidos de borracha sólida, mas bem puxados.

BARROTE.

NOTA — Dizem os pretos que a maior queda que um europeu pode dar é, escorregar na graxa. — B.

LITERATURA BUNDA

Damos em seguida o traslado duma carta que nos foi enviada de Angola, e cujo original ficou em nosso poder.

II.^{mo} Sr.:

Aconfiança da sinçaira bondade que entra no milindre de ter provas de boa sympathia; que me revestre o animo e audação de lançar mão napena; passando depois fazer-lhe estas mal redigidas linhas sympathizandome com as boas acções da sua Querida filha Felipa tanto na sociedade com im outros; por isso venho por êste meio pedir a V.ª E.ª para ser minha para tractos ilicitos.

Seribatós, cujo tracto é bom entre a familia; os lizonjeio por parte da nossa amizade e parantesco que nos deixardo obrigado.

Felecito finalmente desejar-lhe saude e propriedades Especializando a illustre familia quando eu bom sem maior novidade dsponha do quem preza ser atendido e espera a resposta.

Att.º Am.º e Crd.º

Domingos Luiz de Souza

15 de junho de 1899

ARQUIVO COLONIAL

Abrimos esta secção com a cópia de um telegrama enviado aos subdelegados de saúde.

TELEGRAMA CURIOSO

No «Boletim Oficial da Provincia de Angola» em suplemento ao n.º 13 da 2.ª série, de 26 de março de 1921, vem publicado um documento que

julgamos digno de ser arquivado nas paginas deste suplemento.

AVISO

Por ordem de Sua Ex.^a o Encarregado do Governo Geral de Angola e para conhecimento do público, se publica o telegrama circular enviado a todos os delegados e sub-delegados de saúde do litoral do Provincia em 19 do corrente:

Circular — Declarado peste Loanda embarcações procedentes daqui serão visitadas rigorosamente primeiro caso não há doentes suspeitos bordo nem mortandade ratos desembarcam passageiros ahi destinados que intimará inspecção dez dias e carga não possa ter ratos pulgas sendo restante beneficiada terra soluto cresil formol antes entrega segundo caso ha doentes suspeitos bordo ou mortandade ratos deverá isolar doentes e carga passageiros restantes tratamento primeiro caso excepto carga possa ter pulgas ratos deverá desembarcar batelões desinfecção mais rigorosa antes entrada terra terceiro todos casos livre saída navio — Saúde.

Repartição dos Serviços de Saúde de Angola, em Loanda, 23 de Março de 1921. — O Chefe dos Serviços de Saúde, F. . .

Mote a concurso

*Quem parte leva saúdaes
Mas ás vezes traz dinheiro.*

Este mote deve ser glosado em décimas e é dedicado exclusivamente aos nossos leitores de além-mar, que teem o prazo de três meses para remeterem as suas glosas. Portanto, serão publicadas no n.º 3 do nosso suplemento as glosas deste mote.

No próximo número daremos as bases do concurso.

POETAS ULTRAMARINOS

Quadras a elas

Como é que podia ser,
(Sendo tu maior que eu)
Eu conseguir esconder
Aos teus olhares o céu?!

Depilaste-te a valer;
E o que mais te atormenta,
E' ouvir sempre dizer:
Esta tem pelo na venta. . .

Estiveste uma noite inteira
Comigo; e foi por essa,
Que tu ficaste solteira
E eu me casei mais de-pressa!

Tu puseste ao teu menino
Os nomes do teu marido! . . .
Podes chamar ao pepino,
Melancia ou pão cozido. . .

Dr. PRETITO.

Nota final

Afonso V, o extraordinário director que fomos desenterrar do pó dos séculos, pede a todos os cultivadores das belas letras de além-mar o favor da sua colaboração.

Quem é?

E' dos *Campos* produtor
E faz boas sementeiras,
De bastas obras autor
Tem pêra e boas fruteiras.

E' *pai* de diversos factos
A prestações semanais,
Também assiste a partos
Laboriosos em jornais.

Em medicina é dos melhores
Por seus doentes vela,
Quando alguns estão piores
Faz-lhes um quarto de sentinela.

REIROBI.

Anexim

O meu amigo Nogueira,
Comprou há dias, na feira,
Um burrito bem par'cido;
Porém, não sei lá porquê,
Já ninguém o burro vê,
Pois foi outra vez vendido.

Há quem o critique, eu não,
Pois me lembro com razão,
Do rifão
Que a êste caso se estende:
.....?
.....?

LÉRIAS.

Decifração do número anterior — *Quem é?*
Greta Garbo; *Anexim* «Quem muito fala pouco
acerta».

Matadores: Fantasma Negro, Oinotna, Car-
dial Mina, Francisco José Rodrigues, Manuel Alves
Duarte, Tom Mix, Au-Rio, Zé Barão, Lérias, Juli-
fer, Reirobi, Monteiro II, Mário Soares, Só Darco,
Henrique Cardoso.

As soluções desta secção tem de ser entre-
gues na nossa redacção até às dezóito horas
de terça-feira seguinte.

Fazer circular a MARIA RITA,
mesmo dada ou emprestada, é con-
tribuir para a sua expansão sempre
:: :: :: em aumento :: :: ::

Uma grande festa carnavalesca nos salões do Metropolitano



A nota elegante dêste ano

Na terça-feira de entrudo realizou-se uma maravilhosa e deslumbrante festa de carnaval que veio dar a nota chique e elegante a êste triste burgo, berço do infante D. Henrique, de Almeida Garrett, do Dr. Carlos Santos, da menina da Avenida, do Púlpito do Banco de Portugal, do Sr. Braga dos Correios, do Dr. Severiano, da Tôrre dos Clérigos e outros vultos notáveis.

Elegância e Perfume nos baixos da Avenida

O baile efectuou-se nos aristocráticos e perfumados salões do Metropolitano, na Avenida dos Aliados.

Os convidados eram embrulhados em papel de sêda e depois introduzidos no salão, através os canos de grés, com uma pressão de água de 30 cavalos à hora.

Atraídas pelas essências capitosas que se evolavam do interior dos salões, compareceram ao sumptuoso *bal-masqué* as pessoas mais em evidência nesta cidade.

Publicamos a seguir o nome dalguns convidados que a êle assistiram e o traje com que vinham fantasiados.

As máscaras Originalidade e bom gôsto

Jaime de Sousa — Este conhecido *gentleman* ostentava uma caprichosa fantasia de Bombeiro Voluntário da Régua, com machado de coiro curtido e capacete de apolices Atlantique.

Dr. Severiano José da Silva — Vestido a capricho. Calções de troleys partidos e jaleca de anuais, forrada com acções da Carris. Sapatos à Landru.

Dr. António Emílio de Magalhães — De Profilaxia Social. Bolero de papel higiénico e chapéu de autoclismo com duas descargas.

Cunha da Rasa — Um gracioso costume de Cupido. Arcaz de coração com as línguas de fora e setas de cuspo. Um encanto!

Beatriz Costa — De Mexilhão com a casca semi-aberta. Saia de burrié ornada com *figos* de capa rota.

Dr. Amílcar de Sousa — A' Pai Adão. Em vez da tradicional parra, duas pêras à frente e atrás um pêssego.

Cristiano de Carvalho — Majestoso. Vestia um rico costume de bolchevique. Pêra à Staline e maçãs do rosto à Lenine. Chapéu de plumas e lápis à de Artagnan.

Estevão Amarante — Fato à Luís XIV, botas à Luís XV, chapéu à Luís XVI e olhos à Luís... a Satanela.

Nascimento Neto — Uma fantasia de mogno com incrustações de *régisseur*. Calças de nogueira, colete de massaranduba e casaco de carvalho forrado a castanho.

Luísa Satanela — Fantasiada de vinho verde. Touca de espumoso de Vizela; blusa do tinto de Santo Tirso e Saia de Amarante... engarrafado há dois anos.

Vítor França — De Radiófilo permanente. Turbante de Telefunken e sapatos de Kent e Frio. Cabeleira às ondas de rádio.

O Fim da festa Últimas notas

Eram cinco horas da manhã quando terminou o sugestivo e mirabolante salsifré.

O serviço foi primoroso. Nos gabinetes reservados servia-se cacau e chocolate, à porta fechada, e com direito a um papel de sêda que marcava 30 centavos

No hall só havia cerveja de pressão. Os donos da casa apresentaram-se com bonets e recebiam gorjetas de dois tostões.

Para Pintar aredes Use **MURALINE** uma tinta que se prepara em 10 minutos, seca em 10 horas e dura 10 anos.
RUA DO ALMADA, 30-1.º — Tel. 2571

PEÇAS E

DELAVIERE
1928



FOGO RASTEIRO

(Peça mal cheirosa, em um quadro e três alívios)

PERSONAGENS { D. Elisa
A criada Mariana
Luís (namôro de D. Elisa)

A cena passa-se em casa de D. Elisa. São três horas da tarde. E' Domingo Gordo, como poderia ser Domingo Magro. E' uma questão de pêso!

D. ELISA (*impaciente com a demora de Luís para irem ao baile, chama da sala pela criada que se encontra na cozinha*) — Mariana...

A CRIADA (*respondendo da cozinha*) — Minha senhora...

D. ELISA — Anda cá. Chega ali à janela e vê se vem o meu noivo.

A CRIADA (*cumprindo as ordens da patroa*) — Ainda não vem o senhor Luís. E' preciso mais alguma coisa, minha senhora?

D. ELISA — Ouve cá. Vou prevenir-te de uma coisa...

A CRIADA — Faz favor de dizer, minha senhora.

D. ELISA — Não quero que cá em casa se torne a cozinhar, para mim, mais orelheira com feijão, ouviste?

A CRIADA (*atrevida*) — Ora essa, minha senhora, porquê? Fêz-lhe mal à barriga?

D. ELISA — Pois está claro que sim! Estou a ver que vou ficar mal diante do Luís.

A CRIADA (*sorrindo*) — Pode ser que

não, minha senhora; e se ficar... é carnaval, não há que tomar a mal!...

D. ELISA (*ouvindo passos na rua*) — Volta novamente à janela, Mariana, e vê se é êle...

A CRIADA (*depois de ter ido ver*) — Ainda não é, minha senhora.

D. ELISA — Podes-te retirar; mas, antes, deixa ali a porta entreaberta para quando Luís chegar não ter de bater.

D. Elisa para matar o tempo enquanto Luís não chega, pega numa revista de modas femininas e põe-se a folheá-la, sentada numa cadeira, de costas voltadas para a porta por onde Luís deve entrar.

Daí a pouco chega Luís que, vendo a porta meia-aberta, entra sem que D. Elisa dê por tal.

D. ELISA (*continuando a folhear a revista. Sem ela querer, ouve-se um pequenino barulho*) — Ai que alívio!

Luís ouviu... sorriu... tremeu... e ficou silencioso.

D. ELISA (*sempre distraída com a revista e sem sequer suspeitar de que Luís já ali se encontra, torna a falar em surdina, acompanhando-se da mesma frase*) — Ai que alívio!

Luís novamente sorri e mais uma vez se conserva mudo e quêdo como um pedregal, pelo que D. Elisa não o pressente.

Decorridos mais alguns segundos D. Elisa ainda às voltas com a mesma revista, consente o escape livre, e, como anteriormente repete as palavras sacramentais: — Ai que alívio!...

Luís não podendo conter por mais tempo o riso, desperta a atenção de D. Elisa.

D. ELISA (*muito atrapalhada e vermelha como um pimento ao ver Luís ali dentro*) — Já aqui estava há muito tempo, Luís?

LUÍS (*descaradamente*) — Não, meu amor!... Desde o primeiro alívio!!!

SEPOL.



CARTAZ DE HOJE

Sã da Bandeira: A farsa musicada *Desculpa, ó Caetano.*

Rivolt: A comédia *Feitiço e Fins de Festa.*

Olympia: Cinema com os melhores filmes da temporada.

Trindade: O grande triunfo de Greta Garbo, *Cortêsã.*

Batalha: O estupendo filme *O médico e o monstro.*

